Verdade E Ficção

A LEITURA DE UMA FICÇÃO*

a história sem fim

Celso Rennó Lima
EBP-MG

RESUMO

O autor ensaia um estudo na fronteira entre literatura e psicanálise. Para alcançar este seu objetivo trabalha o texto de Michael Ende: “Uma história sem fim”, para demonstrar como a imagem do eu é construída a partir de traços especulares e da fantasia. Ao mesmo tempo é possível clarear as funções dos traços simbólicos como a única forma de abandonar o mundo encantado das imagens. Em outras palavras, este texto é um passeio através da loucura do poder ilimitado do imaginário (eu ideal) em direção ao traço limite da identificação no simbólico (ideal do eu) que é capaz de organizar a realidade de cada sujeito.

PALAVRAS-CHAVE

imaginário e simbólico, eu ideal, ideal do eu

É inevitável recortarmos os textos que lemos, de acordo com este ou aquele momento de nosso interesse, à maneira como a pulsão recorta o campo do Outro em busca de um objeto que, ali, acena como possibilidade. Nesse trajeto que se repete indefinidamente, alguns fragmentos, conceitos, ou até mesmo palavras, permanecem vivas em nossa memória, insistindo. Um desses fragmentos se encontra no texto “O estádio do espelho...”, de J. Lacan: “A assunção jubilatória de sua imagem especular pelo ser ainda mergulhado na impotência motriz e na dependência da amamentação, que é o pequeno homem neste estado de *infans* nos parece, desde então, manifestar em uma situação exemplar, a matriz simbólica.”¹

Se for verdade que várias questões se apresentam a partir deste parágrafo, a que escolho para levar este trabalho a termo, hoje, diz respeito à matriz simbólica, que pode ser exposta da seguinte maneira: Qual é a relação desta matriz simbólica com o conceito lacaniano de traço unário e o conceito freudiano de Ideal do Eu? Esta questão se coloca, pois, exatamente, é deste traço unário que se constrói uma ficção. Ficção que se fixa em uma cena e estrutura uma história, estabelecendo os rumos de uma vida.

* Texto apresentado no Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, dia 7/9/2003.

¹ LACAN. *Escritos*, p. 97.

Para tentar dar conta do que aqui me proponho, vou recorrer à Literatura, mais precisamente ao livro *A história sem fim*, de Michael Ende. Bastian Baltazar Bux é um menino de mais ou menos 11 anos, gordo, desajeitado, desprezado por seus professores, colegas e por si mesmo. Órfão de mãe, viu-se abandonado pelo pai, absorvido que este estava em seu próprio luto. Sua única satisfação eram os “livros que contavam as aventuras fabulosas de criaturas fantásticas e em que se podia imaginar tudo o que se quisesse. ... talvez a única coisa que (Bastian) soubesse fazer bem (era) imaginar uma coisa com tanta clareza, que era quase capaz de a ver e ouvir”.

Freud, em seu texto sobre “Escritores criativos ...”, nos diz que “uma das razões para as fantasias são os desejos insatisfeitos e, cada fantasia, é a satisfação de um desejo, uma correção da realidade”.²

Foi com essa disposição imaginativa que Bastian se assentou num pequeno sótão de seu colégio para ler um livro que acabara de roubar. Na verdade, ele apenas pegara um exemplar que lhe estava sendo oferecido pelo livreiro, numa espécie de faz-de-conta do tipo: eu não estou vendo e você pensa que o roubou. O interessante é que Bastian entrara na livraria em busca de socorro, de uma garantia contra uma ameaça que estava sofrendo por parte de seus colegas. E o livro trata da história do Reino de Fantásia, que se encontrava ameaçado por um perigo incrível:

- Na nossa terra, dizia um personagem, aconteceu uma coisa ... inacreditável... Ou melhor, está para acontecer ... é difícil de explicar ... começou assim: a leste de nossa terra há um lago... ou melhor dizendo, havia... Tudo começou quando, certo dia, o lago desapareceu... pela manhã, não estava mais ali. Compreenderam?
- Não, quer dizer que secou? Disse um outro.
- Não. Se assim fosse, haveria ali um lago seco. No lugar onde havia o lago não havia nada... Nada mesmo, compreendem?
- Havia um buraco?
- Não, não havia um buraco.... um buraco ainda é alguma coisa. E ali não há nada e isso é que é difícil de explicar.
- É como se uma pessoa ficasse cega, quando olhasse para esse lugar...”³

Em nenhum outro lugar encontrei uma descrição do REAL lacaniano com tanta precisão, como nesta passagem, nos dizendo que, ali, onde o simbólico não se apresenta para que o imaginário promova a consistência borromeana, o que resta é nada. E, reforçando essa aproximação, acreditem, esse nada que ameaçava o mundo de Fantásia só poderia ser contido se “um filho do homem” viesse colocar fim à doença da Imperatriz Criança, a Princesa do Reino, dando-lhe um nome, como explicou o oráculo.

À medida que Bastian lia o livro, ele identificava-se com o herói, o pequeno guerreiro Atreíu. Afinal, “cada história tem um herói, nos diz Freud, que é o centro do interesse para o qual o escritor tenta ganhar nossa simpatia por todas as maneiras e a quem ele parece colocar sob a proteção de uma Providência especial (...) ‘Nada pode acontecer comigo!’ Parece que, através desta reveladora característica de invulnerabilidade, podemos imediatamente reconhecer ‘His Majesty The Ego’, o mesmo herói de todo sonho diurno e toda história.”⁴

² FREUD. Edição Standard Brasileira, n. IX, p. 152.

³ ENDE. *A história sem fim*, p. 19.

⁴ FREUD, p. 154-155.

A identificação de Bastian com o seu herói, seu duplo, segue num crescendo até um momento em que, quando Atreú se olha no espelho dos horrores, vê Bastian e este o vê.

Este ponto antecede o primeiro clímax do livro. Bastian se sente chamado, com insistência, a participar e, identificando-se cada vez mais vigorosamente com esta ou aquela passagem, vai criando a cada letra, a cada palavra, um contorno, um certo espaço, até o momento em que surge um vácuo no mundo de Fantásia, provocando nele uma reação inesperada: ele grita um nome para a Imperatriz Criança: “Filha da Lua”; em seguida, diz: “aqui vou eu”.

Tomado por um enorme júbilo, ele passa a habitar o seio de Fantásia.

É a “assunção jubilatória” de sua imagem que vai se tornar o signo que verifica, *a posteriori*, a efetivação da identificação unificadora. Ela pode ser considerada, como nos diz Guy Trobas, juntamente com a angústia e a agressividade, “o triângulo dos afetos especulares”.⁵ Este afeto é a tradução subjetiva do sentido existencial que os juízos de atribuição e existência constroem a partir desta identificação, à medida que ela implica uma matriz antecipada, imaginária, disto que é causa da angústia: a não-especularidade do objeto. Conseqüência imediata da constatação de que o objeto está perdido, a constituição do Outro se faz a partir dessa marca simbólica que aí permanece como um pinçamento do imaginário, fornecendo-lhe um quadro da realidade, no qual o “eu” vai se precipitar em sua forma primordial para ser “o tronco das identificações secundárias”, passando a imagem a ser o umbral do mundo visível.⁶

Em seguida ao momento da entrada de Bastian no mundo de Fantásia, uma escuridão se fez presente e aconteceu uma “conversa como em sonhos...”:

- Onde estamos, Filha da Lua?
- Eu estou com você e você está comigo.
- Filha da Lua, é este o final?, murmurou ele.
- Não, é o princípio, respondeu ela.
- Onde está Fantásia, Filha da Lua? Onde estão todos os outros? ... Já não existem?
- Fantásia vai renascer dos seus desejos, Bastian, com minha ajuda, eles se transformarão em realidade.
- Dos meus desejos?, repetiu Bastian, admirado.
- Você bem sabe, ouviu ele dizer com a voz doce, que me chamam a Senhora dos Desejos. Que deseja você?
- Quantos desejos posso formular?
- Tantos quantos quiser... quanto mais, melhor, Bastian. Fantásia será assim mais rica e variada.
- Bastian ficou surpreso e confuso. Mas exatamente porque se via perante possibilidades ilimitadas, não se lembrou de nenhum desejo.
- Não sei, disse ele, finalmente.
- Reinou o silêncio durante algum tempo, e depois tornou a ouvir a voz de passarinho.
- Isso é mau
- Por quê?
- Porque assim não haverá Fantásia.
- Bastian ficou calado, sem saber o que fazer. Sua sensação de liberdade era perturbada pelo pensamento de que tudo dependia dele.

⁵ TROBAS. *Le triangle des 'affects speculaires'*, p. 21.

⁶ LACAN. *Escritos*, p. 98.

– Por que está tão escuro, Filha da Lua?, perguntou ele.
 – O princípio é sempre escuro, Bastian.
 – Gostaria de voltar a vê-la, Filha da Lua! Sabe? Como a vi no momento em que olhou para mim.
 Ouviu outra vez o riso suave e cantante.
 – Por que está rindo?
 – Porque estou contente.
 – Por quê?
 – Porque você formulou seu primeiro desejo.
 – Vai satisfazê-lo?
 – Sim. Estenda a mão!
 Ele obedeceu e sentiu que lhe punham alguma coisa na palma da mão. Era uma coisa minúscula, mas muito pesada. Irradiava frio e era dura e morta ao tato.
 – O que é isto, Filha da Lua?
 – Um grão de areia, respondeu ela. É tudo o que resta do meu reino sem fronteiras. Ofereço-o a você.
 – Obrigado, disse Bastian, espantado. A verdade é que não sabia o que fazer com aquele presente. Se ao menos fosse uma coisa viva!
 Enquanto pensava no que a Filha da Lua realmente queria dele, sentiu umas leves picadinhas na mão. Olhou melhor para o que havia ali.
 – Olhe, Filha da Lua!, murmurou ele. Começa a brilhar! E agora, está vendo?, começa a sair do grão de areia uma chamazinha minúscula. É uma sementinha brilhante que começa a germinar!”⁷

Este grão de areia, podemos dizer, é uma segunda fase da matriz simbólica que estrutura a antecipação do eu (*je*). Neste momento, o que era uma matriz vai se constituir num grão-traço que se ordena a partir de um dito primeiro, aquele que decreta, legisla e vai conferir, ao outro real, sua obscura autoridade.⁸ Enquanto a matriz denuncia a “Coisa”, o nada, o traço é o que vai apagá-la. “Lacan vai nos dar essa fórmula: *Wo es war, da durch das Eins werde Ich* – aí onde estava (a Coisa), aí pelo um advirei eu, e é o traço unário que vai fazer aparecer o sujeito como aquele que conta”.⁹ E, permanecendo um, pode estruturar a cena imaginária, dando realização aos desejos e mergulhando Bastian num reino sem fronteiras, onde tudo se transforma...

Em outras palavras, podemos dizer que esse traço é o que vem no lugar original do sujeito que, como consequência, vai ser elidido para se reencontrar nas marcas das respostas que se fizeram capazes de traduzir, em apelos, seus gritos. Nasce, daí, uma possibilidade de que algo se repita, de que algo insista neste ponto mesmo de impossibilidade que o lugar vazio do sujeito vai abrir no seio do Outro. É deste momento que o eu (*moi*) virá se servir para fazer revalidar o seu poder enquanto aquele que vai estender o campo da ignorância, pois a função deste eu (*moi*) é manter este vazio, o desconhecimento.¹⁰ Trata-se, portanto, de uma transformação do que, na antecipação, era apenas uma matriz simbólica, em um traço de sustentação do significante enquanto tal: o traço unário.

Se, por um lado, o traço unário vai ser o que se repete na cadeia que se forma em consequência mesmo de seu surgimento, por outro lado, será a sustentação dessa cadeia

⁷ ENDE. *História sem fim*, p. 177-179.

⁸ LACAN. *Escritos*, p. 822.

⁹ SCILICET 2-3, p. 124.

¹⁰ LACAN. *Escritos*, p. 674.

que vai circunscrever, envolver, dar forma a uma realidade onde os traços dos significantes vão constituir o Outro enquanto todo-poderoso, colocando-o como aquele que tem poder de resposta. Essa será a constelação das insígnias que constituirão, para o sujeito, o Ideal do Eu [I(A)], essa formação que virá nesse lugar simbólico, ligando-se, por esta via, às coordenadas inconscientes do eu,¹¹ para dar-lhes consistência onde as imagens só fazem introduzir uma tensão sem fim: “eu não sou senão no outro e, ao mesmo tempo, ele permanece alheio, estranho; este outro que sou eu mesmo é outro diferente de mim mesmo”.¹² Essa é a dialética que se estabelece entre Bastian e Atreíu.

Matriz simbólica, traço unário, ideal do eu, são vários nomes para dizer daquilo que propiciará que uma imagem se estabilize, mesmo com suas instabilidades, num eu ideal [i(a)] que carrega em si a marca de sua própria impossibilidade: este objeto a, impossível de negatizar, e que vai permanecer como opacidade subjetiva. É essa opacidade subjetiva que sustentará a cadeia significativa como efeito de discurso – e uma certa distância entre o Ideal do Eu e o Eu Ideal poderá ser mantida. Distância que apontará para a angústia de se deparar com o desejo do Outro, e que o neurótico tenta apaziguar respondendo às demandas do Outro como se elas fossem o seu desejo. Assim, o que falta [S(A)] ficará sempre num segundo plano. Essa é a ilusão que a fantasia propicia. “Uma resposta antecipada à questão radical do Outro”.¹³

No entanto, essa distância entre o ideal do eu e o eu ideal só vai se sustentar se aconteceu um consentimento do sujeito para que o traço unário seja traduzido em um significativo, o Nome-do-Pai. Significante este que, ao fazer-se herdeiro do Complexo de Édipo, se sustentará como suplência entre o simbólico e o real, fornecendo um limite para que o desejo saia do desvario imaginário para se suportar de uma cadeia simbólica. Caso contrário, a ênfase da imagem, com seu curto-circuito [no Grafo do Desejo - i(a) -m - I(A)], só vai dificultar o que há de transmissível na castração.

À medida que a “A história sem fim” segue o seu caminho, acompanhamos o nosso herói ir se perdendo nesse curto-circuito, nos meandros das imagens plásticas, sempre confiando no símbolo que lhe fora entregue pela Imperatriz, a Senhora dos Desejos, a que trazia no seu torso a seguinte inscrição: “Faça o que quiser”. A loucura, pouco a pouco, ia tomando conta dele. Suas realizações nunca chegavam ao fim, pois não havia um eixo diretor. Enquanto isso, seu “eu” (*moi*) ia ocupando um espaço enorme, até o ponto em que, confrontando-se num combate por puro prestígio (a - a’), Bastian mata Atreíu. Isto, ao contrário de aliviá-lo, só faz aumentar a angústia da falta de limites. No entanto, Bastian havia consentido com a entrada de um traço, com a *bejahung* primordial, e sabia que, se persistisse nesse caminho, iria ficar, para sempre, no seio desse Outro, submetido a esse desejo enlouquecido.

Desesperado, sem conseguir fazer seu o símbolo que havia recebido da Senhora dos Desejos, ele vai em busca de uma saída.

Depois de percorrer vários capítulos, cujas letras iniciais o autor estruturou em ordem alfabética, Bastian se depara com o velho Yor, o mineiro. Solitário e cego, Yor tem passado

¹¹ LACAN, p. 683.

¹² JULIEN, p. 50.

¹³ SCILICET, 2-3, p. 118.

a sua vida cuidando de coisas com as quais os homens já não se importam mais: as imagens de seus sonhos e fantasias.

Bastian é acolhido pelo velho. Diante da angústia do menino, Yor lhe diz que será necessário buscar uma recordação, uma imagem qualquer que possa levá-lo até as “Águas da vida”, a porta de saída do Reino de Fantásia. Este objetivo, no entanto, só poderia ser alcançado se ele se esvaziasse da enfatuação que ainda apresentava.

Vários dias se passaram, durante os quais, pelos labirintos de cavernas que formavam a base de Fantásia, Bastian aprendeu a localizar, na escuridão dos subterrâneos, as pequenas placas de mica com as imagens dos sonhos dos homens. Nessas placas, ele busca as imagens que lhe pertenciam. Durante esse tempo, pouco a pouco, ele vai se esquecendo de si mesmo, até que, após muito procurar, se depara com uma imagem conhecida. Era uma imagem de seu pai. Quando isto acontece, ele percebe que já não se lembra mais de seu nome. Não havia mais nenhum significante que o pudesse garantir como ser, deixando à mostra o que é “a essência ausente do corpo, (...) esse ponto de ausência que o nome próprio recobre na sua função de designar o indivíduo, não como indivíduo, mas como alguém que pode faltar ou desaparecer: feito para obturar os buracos e dar uma falsa aparência de sutura, o nome próprio sugere, ao mesmo tempo, o nível radical da falta”.¹⁴ O esquecimento do nome representava, portanto, o sinal de que a enfatuação narcísica chegava ao fim e que uma passagem podia ser realizada, para além das garantias imaginárias.

Sem nome e de posse da cena do pai, ele se despede do velho e caminha em direção à saída. Este é o segundo clímax da história. Diante da fonte das “Águas da vida”, Bastian, auxiliado pelo seu duplo, o herói Atreíu, que ressurge trazendo no peito a ferida do combate, consegue gritar o Nome-do-Pai e, passando para além do Portal, para além do Pai, retorna à realidade, deixando, definitivamente, o desvario de um mundo sem fronteiras.

SUMMARY

The author tries to make a study in the frontier between literature and psychoanalysis. In order to fulfill this purpose he works on the text of Michael Ende: “The endless history”, to show how the image of the ego is built after the traces in the mirror and the fantasy. At the same time it is possible to make clear the functions of symbolic traces as the only way to get rid of the enchanted world of the images. In other words, this text is a walk through the madness of the unlimited power of the imaginary (Ideal ego) to the limited trace of identification in the symbolic (ego ideal) that is able to organize the reality of each person.

KEY-WORDS

imaginary and symbolic, ideal ego, ego ideal

¹⁴ SILICET, 2-3, p. 112-113.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENDE, Michael. *A história sem fim*. Trad. Maria do Carmo Cary. São Paulo: Martins Fontes/Editorial Presença, 1985.
- FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.
- JULIEN, Philippe. *Le retour a Freud de Jacques Lacan*. Toulouse: Littoral, sd.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- TROBAS, G. Le triangle des 'affects speculaires'. Actes d'Ecole de la Cause freudienne, n. X, Paris, 1986.
- SCILICET, Paris, n.2-3, p. 103-136, Seuil, 1970. Le clivage du sujet et son identification.